

**“AGORA ÉS NOIVA, DEVES MAIS DO QUE NUNCA SABER COMO VAI AGIR”:  
AS CARTAS DE AMOR E O DIÁRIO ÍNTIMO DE ADA THEREZINHA (1946-1952/  
CAXIAS DO SUL/BRASIL) <sup>1</sup>**

**“NOW YOU ARE ENGAGED, MORE THAN EVER YOU MUST KNOW HOW TO ACT”:  
THE LOVE LETTERS AND INTIMATE DIARY OF ADA THEREZINHA (1946-1952/  
CAXIAS DO SUL/BRAZIL)**

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v21n1p89-101

**Resumo**

O presente artigo analisa um diário íntimo e um conjunto de cartas, produzidos por Ada Therezinha, entre os anos de 1946 e 1952, em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Compreendidos no âmbito das escritas ordinárias, esses egodocumentos são tramados por vestígios que versam sobre sua experiência amorosa com Enio Luiz. Procura-se analisar o significado dos elementos afetivos e amorosos presentes nos escritos da moça, que contribuíram na cristalização do imaginário da instituição do casamento como sendo a realização da apoteose romântica. A investigação histórica é ancorada, sobretudo, nos estudos da História Cultural, História das Mulheres e Estudos Feministas, que oferecem subsídios teóricos e metodológicos para a discussão do tema.

**Palavras-chaves:** Diários íntimos. Cartas. Amor Romântico. Casamento.

**Abstract**

The present article analyses an intimate diary and a series of letters written by Ada Therezinha, between the years 1946 and 1952, in Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Being understood at the sphere of ordinary writings, these egodocuments are plotted by vestiges that are about her love experience with Enio Luiz. One Intends to analyze the meaning of the affective elements and love present in the lady's writing, which have contributed to the imaginary setting of marriage institution as being the fulfillment of romantic apotheosis. The historical investigation is mostly supported by the studies of Cultural History, Women's History and Feminists Studies, which offer theoretical and methodological assistance for this theme discussion.

**Keywords:** Intimate diaries. Letters. Romantic Love. Marriage.

---

**PÂMELA C. GRASSI**

Universidade do Estado de Santa Catarina/ Brasil

Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis, Santa Catarina

[pamelagrassi@gmail.com](mailto:pamelagrassi@gmail.com)

---

<sup>1</sup> O presente artigo apresenta resultados parciais da dissertação em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em História, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).



Figura 01: Turma do Colégio São José na Praça Rui Barbosa, 1949.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

O tom de sépia da fotografia na Praça Rui Barbosa, em Caxias do Sul, fixa a passagem do tempo. Envelhecida e desbotada, a imagem desloca os olhares do tempo presente para os momentos que ficaram num mundo pretérito. O registro de 1949 capta gestos e expressões de amigas que cursavam o Ginásio Feminino no Colégio São José – instituição escolar católica. Os sorrisos e os olhares serenos transmitem um ar de descontração e de amizade. Os cabelos curtos e volumosos, típicos da metade do século XX, emolduram as moças de pele branca. A sobriedade e o recato nas blusas brancas e gravatas, acompanhadas

de saias plissadas com comprimento abaixo do joelho e sapatos na cor preta, compõem a vestimenta.

Ainda que o uniforme, signo de uma disciplina escolar, queira remeter a um ambiente homogêneo, os rostos são singulares. Ao percorrer a imagem estática, o olhar alcança pormenores e se interroga sobre a suposta passividade das jovens moças perante o modelo de educação que acentuava a construção de uma mulher dócil, amorosa e dedicada ao lar. Focar os detalhes, sejam os gestos ou as expressões faciais, possibilita formular perguntas sobre as experiências das mulheres, tramadas em histórias de vidas

<sup>2</sup>Os sobrenomes de Ada e de Enio foram preservados, mesmo que seus documentos integrem o acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA). Parte-se do princípio que o cuidado no manuseio das informações ali presentes é primordial, visto que os três filhos do casal são vivos e a trajetória da família da moça teve relevância pública e política na cidade.

desordenadas e contraditórias.

Dentre tantas personagens retratadas na fotografia, uma, em especial, nos interessa: a moça loira, que é a terceira, de pé, da esquerda para a direita. Trata-se de Ada Therezinha, 18 anos, filha de uma família de origem italiana e participante da elite empresarial da Caxias do Sul, cidade da Região Colonial Italiana (RCI) do Rio Grande do Sul. A moça, que residia na zona urbana da cidade, estudava no Colégio São José e tinha acesso aos produtos culturais que a modernização e urbanização oferecia aos seus moradores (MACHADO, 2001).

Cerca de três anos antes dessa fotografia, Ada Therezinha, apaixonada, enviara uma missiva para o jovem moço Enio Luiz, 18 anos, onde declarou seus sentimentos de amor por ele<sup>2</sup>. A prática das correspondências desdobrou-se na ocasião do namoro e, concomitantemente, ela manteve um diário íntimo, cujas páginas eram espaços privilegiados para expressar os desejos e as expectativas da experiência amorosa. Em 1952, três anos após posar para o registro fotográfico, Ada, com 20 anos, unia de vez sua vida com Enio, 23 anos, numa cerimônia de casamento na Catedral Diocesana, em Caxias do Sul, encerrando os escritos do vivido no diário e adentrando na vida de casada, com a constituição de uma nova família.

Com o matrimônio, essas escritas de si (GOMES, 2004) não foram destruídas pela moça<sup>3</sup>, pelo contrário, o desejo de rememoração das lembranças consumou-se no exercício silencioso e minucioso de guardar. Ada conservou seu repositório de memórias – o diário íntimo – junto a outros documentos pessoais que “recordavam a mocidade”, e Enio, por sua vez, zelou com cuidado a guarda de doze cartas que recebera à época (1946 a 1950), da moça. São egodocumentos<sup>4</sup> que evocam e contam histórias das distintas etapas do relacionamento

amoroso, como o flerte, o namoro, o noivado e os preparativos para o casamento. Hoje, conservados à ação do tempo, constituem, junto a um amplo conjunto de documentação pública e particular, o Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA), em Caxias do Sul.

O diário íntimo e as cartas de amor são escritas ordinárias<sup>5</sup> que dão visibilidade a uma protagonista anônima da história, quase microscópica na conflituosa e ampla trama social. A trajetória amorosa de Ada, materializada em suportes da cultura escrita, é uma realidade circunscrita que problematiza as experiências femininas e versa sobre as narrativas de mulheres que viveram sua juventude nos anos finais da década de 1940 e primórdios de 1950. Das circunstâncias históricas de produção e de consumo desses egodocumentos, verifica-se a produção de significados que Ada conferiu a sua experiência amorosa e os usos particulares em relação às representações que circulavam na sociedade, seja com a sustentação das regularidades, ou o fabrico de negociações, desvios e transgressões.

Ao apresentar as excepcionalidades desses egodocumentos, o presente artigo investiga a produção de sentidos que a moça elaborou sobre sua experiência amorosa e que contribuíram na cristalização do imaginário da instituição do casamento como sendo a realização da apoteose romântica, representada canonicamente pelo benéfico de um final feliz. O diário íntimo e as cartas de amor levam a elaborar vários questionamentos referentes às práticas culturais, em diálogo com a representação de amor e de mulher vigente na época, bem como de que forma foram produzidos os sentidos e as condutas específicas à experiência amorosa feminina.

<sup>3</sup> Perrot (1989) observa que a destruição dos diários íntimos e cartas de amor foi o destino que as mulheres deram à maioria de seus escritos, uma vez que renunciavam a prática das escritas de si no casamento.

<sup>4</sup> De acordo com Silva (2015), o termo egodocumento foi cunhado em 1958, pelo historiador Jacob Presser, para designar as formas de expressão escrita dos sentimentos e experiências pessoais. O conceito, no âmbito da produção historiográfica, repercutiu nos estudos das cartas, diários, crônicas da família, diário de viagem, entre outros.

<sup>5</sup> O termo designa as escritas sem qualidades produzidas pelas pessoas comuns e opõem-se as obras literárias, elaboradas para serem prestigiadas pelo público (CUNHA, 2011).

## Das experiências históricas das mulheres

*“[...]escrever elas escreviam, mas livros profundamente influenciados pelo ângulo de onde eram obrigadas a olhar o mundo”.*

*(Virginia Woolf)*

A linguagem, como elemento privilegiado que possibilita a reflexão de si, é um produto de processos sociais e experiências históricas que criam sentidos e se refletem na escrita. No âmbito dos estudos da cultura escrita, Graña Cid destaca o gênero como um elemento indissociável das relações de poder organizadas em torno do escrito, insistindo “en la importância de otorgar una valoración diferenciada a las experiencias femininas, una valoración que tenga en cuenta lo específico de sus circunstancias sociales y de la vida” (GRAÑA CID, 2001: 413). Pensar no sujeito que está por trás da voz narrativa do diário íntimo e das cartas, bem como seu lugar de fala, é a chave de leitura para pensar as construções de significados operados nas práticas de escrita e as percepções sobre uma realidade social do mundo. Sobretudo, porque escrever um diário, ou trocar missivas, era uma prática de escrita autobiográfica prescrita para as mulheres, num projeto de educação dos sentimentos (CUNHA *et al.*, 2000).

Materializada na escrita diarística e epistolar, a linguagem foi o espaço em que Ada estruturou suas experiências vividas e estas, por sua vez, foram tramadas de significações que dizem respeito às experiências históricas das mulheres. Perante as representações de mulher e de amor que orientavam a subjetividade e o devir feminino, Ada poderia adotar a postura de assujeitamento a esses códigos ou operar com desvios que se distanciavam das regulamentações. Embora o namoro e o casamento se constituíam como um acontecimento singular e único para os dois personagens, estas experiências individuais continham diferentes estratos do tempo, isto é, estruturas que “permitem, condicionam e limitam as possibilidades de ação humana e, ao mesmo tempo, as geram” (KOSELLECK, 2014: 13).

A noção de estratos do tempo, elaborada por Koselleck, aproxima-se e refere-se à noção de experiência e explana que qualquer âmbito de vida, ou ação humana, é tecido por diferentes estruturas de repetição, cujas durações são de curto, médio e longo prazo. A experiência de curto prazo é o acontecimento singular e é sobreposta por uma estrutura de repetição, como, por exemplo, uma história pessoal que remete a um processo mais amplo, às especificidades da experiência geracional. O terceiro estrato do tempo, que se configura como uma experiência de fundo e a longo prazo, é alheio a uma história pessoal; trata-se da experiência histórica.

Considerar a pluralidade de estratos do tempo intrínsecos à experiência de Ada é atestar que seus registros pessoais são ancorados na memória individual e que “cabe ao historiador enraizá-la no rol das múltiplas experiências sociais, para que cada memória pessoal possa ser vista e estudada como uma perspectiva de memória coletiva” (CUNHA, 2000: 162). A fala da moça é também perpassada pela intersecção de gênero, classe social, cor e etnia, isto é, de “princípios de diferenciação” (CHARTIER, 2002), que permeiam a constituição de uma experiência amorosa e anunciam o meio social em que os sujeitos vivem. Quando a moça, por exemplo, descreve, com pormenores, a celebração do seu noivado, ou quando reclama dos olhares vigilantes da mãe sobre seu relacionamento com Enio, sua narrativa é atravessada por vestígios de experiências femininas e, estas, por sua vez, enredadas nas condições históricas da hegemonia patriarcal (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2011).

### “Amor, amor! Sempre o amor”: vestígios do amor

Caxias do Sul, cinco de outubro de 1950. Quinta-feira. A temperatura amena daquela noite de primavera contrastava com o frio intenso do inverno, próprio desta cidade serrana do Rio Grande do Sul. Recolhida no seu quarto e sentada à escrivaninha, Ada Therezinha, uma moça de 19 anos, observava seu amigo confidencial. Ao abrir e folhear a página,

apanhou a caneta tinteira, escreveu com precisão o local e a data e prosseguiu:

“Quanta coisa passou, está a passar e passará... quantos fracassos, mas quanta ilusão ainda... quanta dor, mas quanto consôlo, sofrimento, mas alegrias, revêses, mas enfim quanta ventura ainda...”. É com esse pensamento q. começo meu diário, aos 5 de outubro de 1950. Até aqui tudo tem passado, de um lado lindo, de outro regular. Desde os 24 de Maio do corrente ano, sinto-me outra, suporto com mais calma os revezes da vida pois alguém me conforta, me anima. Esse alguém é a pessoa que tomou conta de meu coração, escravizou-o não deixando ser de mais ninguém. Tenho tido há tempos atrás procurado esquece-lo, querendo, tentado amar outro alguém, mas qual, cada palavra, cada gesto deste alguém, eu revia uma ventura tão grande q. havia perdido, e ria, ria para não chorar para sentir q. eu era feliz, quando meu peito era um vulcão de tortura. No entanto a “ventura”, ventura sempre esperada voltou com mais força e brilho e hoje sou feliz...mas só ao teu lado! Foi com o pensamento voltado para ti, Enio, q. comecei esse diário, preenchendo esse espaço vazio, que mais tarde servirá para recordarmos a mocidade... (ADA, 05/10/1950).<sup>6</sup>

Foram com as imagens projetadas em Enio Luiz que Ada Therezinha, extasiada e arrebatada pela paixão, iniciou a prática da escrita íntima no seu diário, expressando as alegrias, os reveses e os sentimentos por Enio. No calar dessa noite, o que latejava no interior da moça, escorria pela extremidade da caneta e inventava um território de expressão. Suas palavras palpitavam sentimentos de completude e aspiravam a eternização do amor. Sob o prisma da sociedade, que define o amor como um sentimento natural, universal e que atravessa o tempo e o espaço (COSTA, 1998), as palavras da moça são indícios do sentimento amoroso, aquele que vence todas as dificuldades e que pode acontecer com qualquer sujeito. Todavia, ao observar o amor como um objeto científico, questiona-se a crença na universalidade e naturalidade do sentimento

romântico. O amor, através da fala de Ada, é capturado como um fenômeno histórico, um produto cultural, ligado às especificidades de cada temporalidade.

Ao historicizar o amor, colocá-lo na ordem do tempo, identificam-se diferentes noções de amor, que variam conforme os tempos e espaços. A história amorosa da nossa personagem desenrola-se numa época em que o amor romântico – aquele idealizado pela burguesia e fortemente institucionalizado ao casamento e à família – era imperativo (PINSKY, 2014). Quando analisado através do conceito de representação (CHARTIER, 1991, 2002a e 2002), é possível explorar sua capacidade de produzir subjetividades e mobilizar comportamentos emocionais e sociais, principalmente aqueles relacionados com a idealização do matrimônio.

O amor romântico se faz presente na Europa desde o final do século XVIII (GIDDENS, 1993), ainda que suas raízes sejam mais remotas, dentro da tradição dos valores do amor cortês (MACFARLANE, 1900). As mudanças sociais nas esferas econômicas, sociais, culturais e religiosas, especialmente na Inglaterra, como a emergência do individualismo moderno (WATT, 2010) e do Romantismo (CUNHA, 1999), começaram a influir nos sujeitos e na ordem familiar. O individualismo moderno fez emergir a família moderna, também chamada de burguesa. Ela torna-se uma unidade econômica e social autônoma e um ambiente bem distinto do local de trabalho, onde os sujeitos poderiam desfrutar de um apoio emocional (Kollontai, 2002). Os romances literários, por sua vez, incidem sobre a ascensão do amor romântico, ao apontarem a ideia de que uma vida individual poderia ser projetada em uma narrativa (CAMPBELL, 2001) caracterizada por

[...] um intenso exercício de imaginação na tentativa de atribuir sentidos aos eventos e interpretá-los, visando seu encadeamento lógico em prol de uma conclusão que, na prática, é desconhecida, embora na projeção

<sup>6</sup> Os trechos extraídos dos documentos utilizados na pesquisa histórica foram transcritos de forma literal, obedecendo as regras gramáticas da época de sua produção e as palavras utilizadas pela autora. A fim de favorecer a leitura e a visualização dos documentos, a reprodução dos trechos no corpo da dissertação será mediada pela alternância de duas configurações, a citação textual e a imagem.

mental seja designada como meta. Com isso, confirmam-se, entre os valores românticos, o imaginário e o ideal, não como simples distinção da “realidade”, mas como referenciais de interpretação e ação frente a ela, definindo práticas e condutas (ROSSI, 2013:43).

A narrativa é elaborada numa estrutura que insere as trajetórias dos amantes numa história individualizada, com acontecimentos que orientam para o desenvolvimento de um futuro em que estariam eternamente juntos. Na visão literária, o casal idealizado, uma vez unido, seria uma única pessoa e nutrindo amor dedicado exclusivamente de um para o outro. Giddens (1993), com relação à visão narrativa, destaca que, embora a retórica do amor pressuponha sentimentos espontâneos, suas práticas e condutas o conduzem para um planejamento comum. O fim previsível desta narrativa é a formação de uma família por meio do casamento.

No Brasil, nas primeiras décadas do século XX, há uma mudança na sensibilidade amorosa (D’Incão, 1989). Se o modelo de casamento era o arranjado, o amor romântico será a base para o matrimônio: a união entre uma mulher e um homem nasce da livre escolha dos sujeitos envolvidos. Tratava-se de um amor domesticado, prescrito por um conjunto de regras e aceitável somente com vistas ao casamento, diferente de um amor movido à paixão, que é irracional e perturba a moral e a ordem (Pinsky, 2014). Apregoadas pelos artefatos culturais da época, a representação desta noção de amor alimentará o imaginário das jovens brasileiras, especialmente das camadas médias urbanas. A circulação das produções cinematográficas de Hollywood, que centravam suas histórias sobre o mito do par amoroso (SEVCENKO, 1998), assim como a leitura de revistas (PINSKY, 2014) e de romances, como os de M. Delly, da coleção Biblioteca das moças (CUNHA, 1999), colaboraram para que a representação chegasse até as moças e criasse expectativas de um romance sentimental em suas vidas reais.

Ada, que era consumidora dos artefatos culturais, apropria-se da representação de amor

romântico e elabora sentidos sobre sua experiência amorosa. Verifica-se, nas entradas do seu diário íntimo, que suas palavras contêm traços de excessiva emotividade e produzem o amor como um sentimento pleno, vigoroso e mágico, em intensidade e prazer. Por vezes, o grau de êxtase das emoções pessoais, em especial da saudade, beiram a demasia, próprio da sensibilidade romântica.

[...] Estava louca de Saudades dele... quando após a horas de intensa alegria, ele se foi, eu meia aqui na Terra e meia na lua fui dormir e creiam-me, sonhei toda a noite com ele... (ADA, 14/10/1950).

Ele saiu eram 10 e 40. Creio mesmo não ter-me enganado quando o chamei de “sonho” (ADA, 15/10/1950).

O Enio por sua vez, sempre, cada vez mais querido e por mim mais amado. Ficou comigo até as 20 para as 11, quando partiu, meu coração quase desfaleceu pois só o fato de ele estar ao meu lado, me dá animo e coragem. Mas ele voltará, graças a Deus (ADA, 22/10/1950).

Na ocasião em que Giselda, mãe da moça, flagra o casal trocando carícias e sua reação imediata é a reprovação deste comportamento, Ada descreverá o ocorrido e lamentará em seu diário íntimo: “Por acaso já não é a vida um vale de lágrimas, uma nulidade para muitos... Essa vida já não é para muitos um vácuo sem fim, sem fundo, longo, escuro e assustador?” (Ada, 02/11/1950). Esta passagem acentua outro traço da sensibilidade romântica, a imaginação, que faz criar um ambiente melancólico e comovente. Ada emprega as expressões “vale de lágrimas” e “vácuo” como um meio de reportar ao seu sentimento de tristeza, preenchendo com imagens figurativas a lembrança de um fato lastimável.

A moça comporta-se como uma apaixonada: há uma impetuosa alegria quando está com a pessoa amada, todavia, na separação, seja decorrente da saudade, ou dos desentendimentos entre o casal, seus dias tornam-se opacos e melancólicos. Sua imaginação desdobra-se também na faculdade da idealização do

sentimento. Quando a moça escreve, mais de uma vez, que Enio é “um sonho”, ou que é feliz, mas “só ao teu lado” (ADA, 05/10/1950), verifica-se a idealização do objeto amado e a crença de há somente uma pessoa no mundo que a completa infinitamente. E, quando abatida pela separação, suas noites são “vazias” e com “o coração a sangrar”, pois o curso de seu romance sentimental é passível de fracasso. Suas atitudes são aquelas previsíveis pela sociedade pois, no plano das representações, a realização amorosa era apresentada às mulheres como a base da felicidade. Conquistar este esteio da vida passa a ser um objetivo primordial, uma “obsessão dominante” (SEVCENKO, 1998).

Ada torna sua vida semelhante a um romance sentimental, com um amor disciplinado e dentro do quadro conjugal. É explícito o desejo da moça de fundir sua trajetória com a de Enio, isto é, projetar sua vida numa narrativa que findará com o matrimônio. Em uma das correspondências enviadas a Enio, ela expressa a sua ansiedade, enquanto aguarda o desfecho que a estrutura narrativa do amor romântico reserva aos enamorados: “Bem, agora dorme, meu bem, sonha bastante, e lembra-te de mim, lembra-te q. te quero muito e q. grande ventura nos está reservada, um dia, quando juntos. Bôa noite, durma bem” (ADA, 10/11/1950).

À semelhança de um romance literário, ou de um filme melodramático, Ada reconhece a si mesma como a principal personagem da história. É a protagonista da trama amorosa. Situa sua vida como uma narrativa individual e sentimental e historiciza seu namoro, noivado e matrimônio no diário íntimo, suporte que disponibiliza a construção temporal dos ocorridos. Ao ordená-los na escrita, a moça se constitui subjetivamente e produz sentidos sobre sua experiência amorosa. O desfecho deste romance ordinário será o casamento, tal como um romance de M. Delly, ou um filme hollywoodiano.

## “Mas sem duvida saberei o meu dever”: vestígios do noivado

Do flerte ao namoro. Do namoro ao noivado. A trajetória amorosa de Ada e Enio segue à risca as etapas da narrativa sentimental. No dia 24 de março de 1951, o casal selara um compromisso formal com o futuro matrimônio. Em quatro longas páginas, o noivado será o pretexto para estruturar sua experiência vivida no diário íntimo:

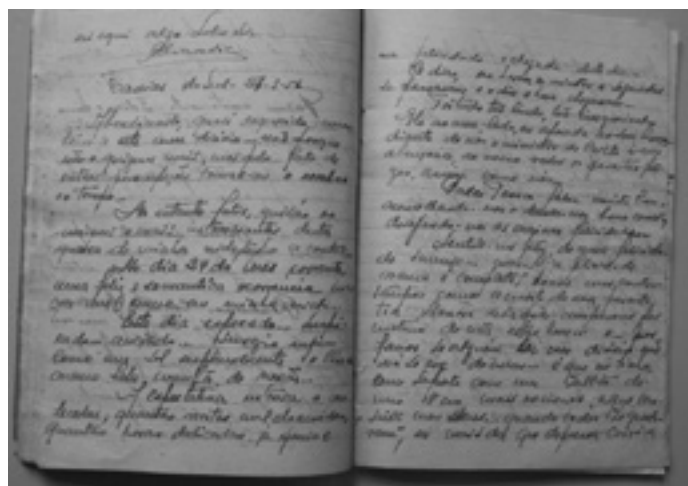


Figura 02: Entrada do diário íntimo de Ada, 27 de março de 1951.

Fonte: ALE 077, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Com pormenores, Ada escreve:

Abandonado, quase esquecido, encontrava-se este meu diário...não porque não o quizesse mais, mas pelo fato de outras preocupações tomar-me o cérebro e o tempo. No entanto fatos, quisás os maiores e mais interessantes desta quadra de minha vida, tenho a contar. No dia 24 do mes corrente, uma feliz e romântica ocorrência marcou um rumo em minha vida... Este dia esperado... Suspirado...anciado... Surgio enfim como um sol resplandecente e lindo numa bela manhã de verão... A expectativa intensa o antecedeu, quantas noites mal dormidas, quantas horas dedicadas a pensar na felicidade e chegada deste dia... Os dias, as horas, os minutos e seguidos se passaram e o dia e hora chegaram... Foi tudo tão lindo, tão inesquecível...Ele ao meu lado, eu apoiada a seu braço diante de nós o ministro de Cristo a nos abençoar, ao nosso

redor os parentes felizes, assim como nós... Padre Tronca falou muito bem, aconselhando-nos e dando-nos bons conselhos, desejando-nos as maiores felicidades... Sentia-me feliz, de uma felicidade imensa... [...] Enio foi o último a sair, estava feliz, assim como eu, disse-me ao se despedir: “agora es noiva, deves mais do q. nunca saber como vai agir”. Na verdade, ele tem razão mas sem duvida saberei o meu dever. Dormi bem feliz e com lindos sonhos, e quando pelas tantas da noite acordei-me por uma frestinha da janela, a lua, feiticeira, e fada, eu encantadora, espiava-me, e ria-se de mim, convidava-me também a fitá-la, mas eu dormindo ao seu feitiço disse-lhe “não lunita, agora vou a dormir, pois amanhã é mais um dia terei muito q. fazer e agüentar meus saltinhos também, boa noite”. No dia seguinte fui a missa após vim para casa, meu noivo veio ver-me; a tarde damos umas voltas e após mudei-me e esperei minhas colegas e amigas. Passou-se assim mais um dia feliz... Hoje aqui estou a recontar esses fatos, revivendo ao mesmo instante aqueles doces e inesquecíveis momentos... Até mais um pouco, meu diário. (ADA, 27/03/1951).

Com o noivado, o enxoval será um tema recorrente e que justifica o quase abandono do diário íntimo. Os compromissos que antecedem o matrimônio tomam o tempo da moça. Ocupada, escreve ela “Comecei a fazer o enxoval ando q. nem me lembro dum palmo a minha frente” (ADA, 30/01/1951) e “Ando apurada preparando as coisas para o meu enxoval” (ADA, 04/02/1951). Ada, com suprema alegria, dedica-se a essa prática cultural que perpassa historicamente os corpos das mulheres. O enxoval se inscreve num mundo em que o amor conjugalé o seu lugar de felicidade. Quais são as razões dela adotar estas práticas da narrativa sentimental? Por que satisfaz seus sentimentos com intensidade e idealização? Por que crê que a felicidade e a completude de sua vida só serão possíveis com Enio?

O amor, embora apresentado como um fenômeno natural, universal e exaltado na reciprocidade dos sentimentos entre o casal, o significado que mulheres e homens atribuíram a ele não foi o mesmo. Com a palavra, Simone de Beauvoir,

contemporânea de Ada: “A palavra ‘amor’ não tem em absoluto o mesmo sentido para um e outro sexo. [...] O amor é apenas uma ocupação na vida do homem, ao passo que é a própria vida da mulher” (BEAUVOIR, 2009:835). Ada deposita seu corpo e seu coração no sentimento amoroso. Investe seus sonhos e aspira sua felicidade no amor conjugal. O lugar de sua fala, da qual emerge sua narrativa sentimental, é atravessada por estratos do tempo, por urdiduras de temporalidades que enredam sua experiência vivida com a experiência históricas das mulheres. Há uma assimetria de significação do amor, uma “distribuição desigual de informação e formação, vivência e expressão amorosa: qualidade, quantidade, intensidade, profundidade, aderência, permanência, risco, tontura, medo, prazer e dor” (CARDOSO PEREIRA, 2003:49). O amor, como um produto histórico, será construído a partir das desigualdades estruturais entre mulheres e homens, desigualdades que instituem, produzem e regulamentam subjetividades, funções e espaços específicos para ambos.

Da distribuição desigual do amor, o conceito de dispositivo amoroso, elaborado por Swain, problematiza tanto a experiência amorosa feminina, quanto a representação referencial da mulher. Sob o signo do amor romântico e a afeição materna, a mulher é caracterizada pela predisposição para constituir-se como um ser amoroso. A construção da subjetividade feminina é atravessada pela interferência desse aparato de estratégicas que as tornam dóceis, dedicadas e, sobretudo, amorosas.

O amor está para as mulheres o que o sexo está para os homens: necessidade, razão de viver, razão de ser, fundamento identitário. O dispositivo amoroso investe e constrói corpos-em-mulher, prontos a se sacrificar, a viver no esquecimento de si pelo amor de outrem (SWAIN, 2008:290).

O dispositivo amoroso gerencia e controla os corpos das mulheres e opera nos seus modos de ser e de viver. Por amor, elas dedicam-se plenamente ao namorado, ao marido, aos filhos e à família. Buscam,



investem e querem gozar de um amor ideal, carregado de emoções e cumplicidade. E o dispositivo da sexualidade interage, agindo sobre o controle de sua virgindade e na sua capacidade reprodutora.

Segundo Swain, a educação formal, a pedagogia sexual, a disciplina dos corpos e a domesticação dos sentidos e dos desejos são práticas discursivas nas quais o dispositivo amoroso se consolida e cria a representação ideal do feminino.

As mediações pelas quais o dispositivo amoroso age nos corpos das mulheres são muitas e o diário íntimo de Ada apresenta, de forma explícita, um vestígio deste dispositivo. Enio, cumprindo seu papel – de um homem responsável, protetor e de bom caráter – estará atento ao agir de sua noiva. A moça escreve que, durante o noivado, ele foi o último a sair e feliz, disse a ela ,ao se despedir, “agora es noiva, debes mais do q. nunca saber como vai agir”. Ela, ciente de seu comportamento, não discorda do rapaz: “Na verdade, ele tem razão mas sem duvida saberei o meu dever” (ADA, 27/03/1951). Observa-se que Enio, a fim de preservar a reputação e honra de sua futura esposa, exerce controle sobre ela, orientando-a a cultivar as boas maneiras e a manter a virgindade intacta.

Com as alianças na mão direita e com as visitas cada vez mais constantes do rapaz na casa de Ada – “[...] ele vem todos os dias, desde o dia em q. noivamos” (ADA, 27/06/1951) –, ao casal que pretendia construir uma família, era moralmente proibido as relações sexuais anteriores ao matrimônio. Os juristas, literários, médicos e religiosos, em seus discursos sobre o amor e a família, decretaram que era no lar que as relações sexuais eram legítimas e decentes. E, à moça – aconselhavam as revistas femininas –, caberia a principal responsabilidade pela contenção sexual (Pinsky, 2014). Afinal, esses gestos de abdicação do desejo, são provas de amor e virão acompanhadas de gratificações: “[...] toda a fadiga tem sua recompensa quando levada ao fim, e essa recompensa para mim é...ele” (ADA, 13/04/1951).

Investir na harmonia de sua relação é uma labuta que desaguará na felicidade conjugal, que tanto deseja. O amor, identifica Lagarde y de los Ríos,

oferece à mulher sua realização plena:

Así el contenido de la felicidad de la mujeres es la experiencia amorosa, y es evidente que el sentido de la vida de la mayoría de ellas es la realización del amor. La cantidad de trabajo invisible realizado por las mujeres, las energías vitales destinadas a cuidar y a acoger a los otros, el cuidado permanente de ellas mismas para ser mejores objetos, y la tolerancia a la servidumbre voluntaria, no son gratuitas. Las mujeres movilizan sus capacidades y sus energías vitales en busca de la realización del deseo: de vivenciar el amor. (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2011:450).

Se “quase todas as mulheres sonharam com o ‘grande amor’” (BEAUVOIR, 2009:837), o gesto de Ada não poderia ser outro; é aquele habitual, próprio do modelo cultural designado à mulher. Pôr sob ameaça o enlace matrimonial que se aproxima é uma realidade que ela teme, uma vez que a condição de “solteirona” – rejeitada pelo casamento – era um estigma detestável, sinônimo de má reputação e insucesso (DEL PRIORE, 2013). Sacrificar-se e controlar-se em nome do amor, desse sentimento que “nos traz o coração em desassossego, que nos magôa” e que “te faz sofrer e te acaricia ao mesmo tempo” (Ada, sem data) – como escreve em uma das cartas de amor – é o caminho natural para o alcance da felicidade.

### **“O dia mais feliz de nossas vidas”: Vestígios do casamento**

Sábado, nove de fevereiro de 1952, 18h15min. O interior da Catedral Diocesana, em Caxias do Sul, encontrava-se lotado. Dezenas de convidados preenchiam os bancos e aqueles que não garantiram seus lugares permaneciam de pé, nos corredores da igreja. Próximo do altar, ocupado pelo padre, padrinhos e madrinhas, Enio aguardava de pé sua noiva. Seus olhos estavam voltados para a entrada principal do templo católico. “Tan tan tan tan”. Os burburinhos no recinto são quebrados pela imponente marcha nupcial. Prontamente, todos os olhares dirigem-se para o portal do recinto e, curiosos, aguardam a

entrada majestosa da noiva. As portas da catedral se abrem. Eis que Ada, empunhando seu buquê de flores e arrastando a cauda do seu longo vestido branco, respira fundo e, trêmula, caminha em direção ao altar. “O dia mais feliz de nossas vidas” . Ada Therezinha, com 20 anos, e Enio Luiz, aos 23, em ato civil e religioso, findam a narrativa sentimental do amor romântico.

Obolo, o buquê, o véu e a grinalda consagraram o destino que a sociedade propôs tradicionalmente à moça apaixonada: a instituição do casamento. O rito de passagem não foi narrado no diário íntimo, tampouco há missivas que versam sobre este dia.

Todavia, há diversas anotações no diário, que remetem ao casamento, como a lista de pessoas convidadas para o enlace matrimonial, organizadas em colunas, e as equações matemáticas referentes a quartos, fogão, chuveiro e armários ou camafeus, empanados de frangos, quindins e tortas de morangos.

Embora essas páginas não disponibilizem informações dos dias, meses ou anos, nas quais foram rabiscadas, é possível presumir que as anotações foram produzidas próximos da ocasião do casamento, concretizado em nove de fevereiro de 1952. Abaixo, a reprodução de uma página do diário, com estas marginalias:

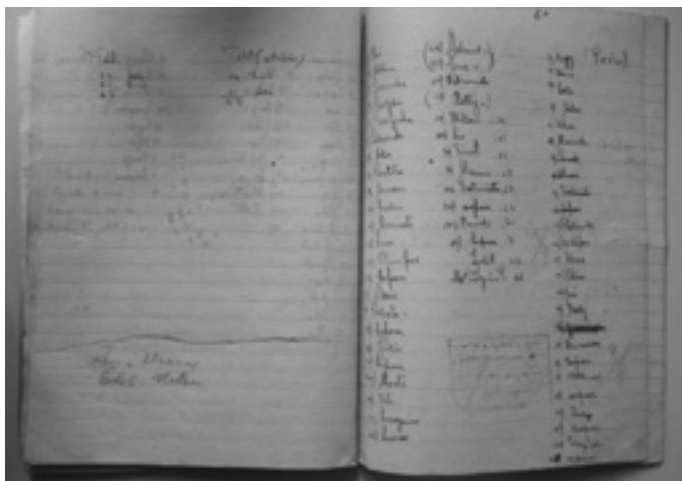


Figura 03: Anotações nas últimas páginas do diário íntimo de Ada, sem data.

Fonte: ALE 077, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

No AHMJSA, o arquivo pessoal de Ada disponibiliza um conjunto de documentos que

reconstituem, com poucos detalhes, o casamento, como o convite oficial, o registro civil do matrimônio, os telegramas e os cartões de felicitações, escritos pelos convidados. Há também a fotografia oficial, reproduzida a seguir. Observa-se que é uma imagem permeada de símbolos do ritual, como o vestido branco da noiva – insígnia da pureza e da virgindade da mulher.



Figura 04: Casamento de Ada e Enio, 09 de fevereiro de 1952

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

A fotografia corrobora a representação do amor romântico que circulava na época, de que a realização amorosa estava vinculada à instituição do casamento. O amor verdadeiro é pleno na união conjugal, uma vez que é neste espaço que a esposa e o esposo se transfiguram em mãe e pai e constituem uma família legítima (MALUF & MOTT, 1998).

O casamento asseguraria uma moral sagrada e permitiria à mulher “atingir sua integral dignidade social e realizar-se sexualmente como amante e mãe” (BEAUVOIR, 2009, p.432). E, embora as cidades

modernizassem-se com a urbanização, as tradições e os costumes conservavam a família. Em Caxias do Sul, o valor de uma mulher continuava creditado ao casamento e à manutenção da família e, às mulheres que se mantivessem solteiras, restava a discriminação no interior da família, os conventos, ou a dedicação a alguma obra social, ou o magistério (FAVARO, 2002). Logo, a preocupação com a educação feminina não visava prepará-las para a carreira profissional, mas sim para as atividades domésticas do lar e para a função sagrada da maternidade (RAGO, 2014).

### **“Há muito tempo que não escrevo em meu diário, não sei explicar o porque: considerações finais**

Se o matrimônio, símbolo do desfrute da felicidade de amar e ser amada, constituía-se como o sonho obsessivo de toda mulher, as expectativas e as preocupações que tomavam conta de Ada são passíveis de leitura. A moça, crente de que a base de sua felicidade era a união conjugal, temia a frustração e a solidão, expressa na imagem feminina da solteirona. Casar-se era seu objetivo mais significativo. Frente a este cenário, cabe perguntar se Ada, assim como as mulheres de sua época, amavam o objeto de seu amor ou o casamento. Observa-se que, apesar das brechas aplicadas pela moça durante o flerte e o namoro, a produção de sentidos sobre sua experiência amorosa é tramada pelas representações de amor romântico e de mulher hegemônicas na sociedade. Cenas da felicidade conjugal, comuns na educação feminina ou nos artefatos culturais, já se achavam inscritas e interiorizadas na subjetividade das mulheres, como na de Ada. Perseguir o casamento, através de um amor monogâmico e heteronormativo, é encontrar a plenitude de sua felicidade. É satisfazer-se no amor conjugal e no amor materno.

A estrutura narrativa do amor romântico finda no enlace matrimonial e o fim do diário íntimo era previsível. Ada o encerra no limiar do compromisso conjugal: se Enio era o fio de existência (LEJEUNE, 2014) que sustentava o diário, o casamento encerra os escritos. A moça não desconfiava que a entrada

de 16 de agosto de 1951 seria o último registro. Renunciar a seu diário íntimo era necessário, uma vez que no casamento, a confiança – como fundamento imperativo entre esposa e esposo – passa a restringir a confidência dos segredos ao casal e não a terceiros (VINCENT-BUFFAULT, 1996). O desejo de fixar o tempo no papel, expresso na primeira entrada, é concretizado no ato de preservar o diário, tornando-o um documento do vivido. E, quando disponibilizado a um arquivo público, o romance sentimental de Ada sobrevive ao tempo e transforma-se num vestígio das experiências históricas das mulheres.

### **Referências bibliográficas**

- BEAUVOIR, Simone. (2009). *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CAMPBELL, Colin. (2001). *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco.
- CARDOSO PEREIRA, Nancy. (2003). *Palavras... se feitas de carne: leitura feminista e crítica dos fundamentalismos*. São Paulo: CDD.
- CHARTIER, Roger (1991). O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São. Paulo, v.5, n.11, p.173-190.
- CHARTIER, Roger. (2002a). *A história cultural: entre práticas e representações*. 2.ed. Rio de Janeiro: DIFEL.
- CHARTIER, Roger. (2002b). *À Beira da Falésia*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.
- COSTA, Jurandir Freire. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.

- CUNHA, Maria Teresa Santos, BASTOS Maria Helena Camara e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs). (2000). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Ed. Mulheres, Florianópolis.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. (1999). *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. Diários íntimos de professoras: letras que duram. (2000). In: CUNHA, Maria Teresa Santos, BASTOS Maria Helena Camara e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Ed. Mulheres, Florianópolis.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. (2011). Diários pessoais: territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto.
- DEL PRIORE, Mary. (2013). *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- D'INCÃO, Maria Angela (Org). (1989). *Amor e Família no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- FAVARO, Cleci Eulalia. (2002). *Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências*, Porto Alegre: EDIPUCRS.
- GIDDENS, Anthony. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades*. São Paulo: UNESP.
- GOMES, Ângela de Castro. (2004). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV.
- GRAÑA CID, María del Mar. ¿Leer con el alma y escribir con el cuerpo? Reflexiones sobre mujeres y cultura escrita. (2001). In: CASILLO GÓMEZ, Antonio (Coord.) *Historia de la cultura escrita*. Astúrias, Espanha: Ediciones Trea.
- KOLLONTAI, Alexandra. (2002). *A nova mulher e a moral sexual*. São Paulo: Expressão Popular.
- KOSELLECK, Reinhart. (2014). *Estratos do Tempo*. Contratempo, Editora PUC-Rio, Rio de Janeiro.
- LAGARDE, Marcela. (1993). *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. México, UNAM, Facultad de Filosofía y Letras.
- LEJEUNE, Philippe. (2014). *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- MACHADO, Maria Abel. (2001). *Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul - 1875/1950*. Caxias do Sul, RS: Maneco.
- MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. (1998). In: NOVAIS, Fernando A; SEVCENKO, Nicolau. (Orgs.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- PERROT, Michelle. (1989). Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, v.9, n.18, p.9-18.
- PINSKY, Carla Bassanezi. (2014). *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Contexto.
- RAGO, Margareth. (2014). *Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro. Paz e Terra.

ROSSI, Túlio Cunha. (2011). *Projetando a subjetividade: a construção social do amor a partir do cinema*. 2013. 326 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SEVCENKO, Nicolau. (1998).A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando A. (coord. Geral); SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras,p. 513 - 619.

SWAIN, Tania Navarro. (2008).Entre a Vida e a Morte, o Sexo. In STEVENS, Cristina M.T. e SWAIN, Tania Navarro (Orgs.). *A construção dos Corpos: Perspectivas Feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, p. 285-302.

SILVA, Cristiani Bereta da. (2015).Narrativas digitais sobre os exames de admissão ao ginásio: egodocumentos e cultura escrita na história do tempo presente. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 7, n. 15, p. 05 – 41. maio/ago.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. (1996).*Da Amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

WATT, Ian. (1990). *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Cia. das Letras.

**Artigo Recebido em 02/05/2016**  
**Artigo Aceito em 07/06/2016**